

Ásia ainda limita confiança externa no País

Apesar de endossar ação do governo contra a crise, analistas e aplicadores defendem cautela

MIRIAM MOURA

BRASÍLIA – Os grandes investidores estrangeiros registraram a firmeza e agilidade do governo nas medidas internas para enfrentar a crise financeira e a ofensiva desencadeada para aprovar as reformas constitucionais. Mas continuam com toda a atenção voltada para a Ásia, em especial a Coreia do Sul. Para analistas econômicos e aplicadores do dinheiro dos grandes fundos globais, o momento é de cautela. “Estão todos prontos para investir, mas é preciso ter um pouco mais de certeza de que nada de ruim vai acontecer no mundo”, diz o presidente do banco holandês ING Barings no Brasil, Carlos Craide. “Essa decisão não depende tanto do Brasil.”

A mesma opinião tem o economista-chefe do banco Patrimônio, sócio do banco americano Salomon Brothers, Luiz Fernando Lopes. “Com as medidas tomadas, se nada acontecer no cenário externo, no segundo semestre de 1998 o déficit da balança comercial será menor”. A dúvida é quanto ao que acontece nesse meio tempo: “Estamos passando aqui por um milímetro de uma grande crise na Coreia do Sul; se ela entrar em colapso vamos passar por uma turbulência muito grande e a situação do Real fica bem complicada.”

Do ângulo econômico, medidas como o pacote fiscal e a retomada das reformas no Congresso têm “efeito psicológico positivo para os investidores, mas enquanto não passar a crise da Ásia não vão tomar decisões”, reforça o diretor-executivo adjunto do banco Dresdner-Kleinwort Benson, João Roberto Teixeira.

No viés político, os analistas são unânimes na avaliação de que, mesmo com o alto custo que as medidas podem impor ao presidente Fernando Henrique Cardoso, ele agiu corretamente. Acreditam que uma atitude de não fazer nada e esperar levaria o

presidente para o desastre – como aconteceu no México em 1994. “Fernando Henrique fez um cálculo político bastante adequado”, diz o economista do Kleinwort Benson.

Esse cálculo, no entanto, é suscetível a um cenário de normalização da economia. Na projeção econômico-política traçada pelo diretor do banco Dresdner Kleinwort Benson, endossada por várias análises, haveria uma redução da atividade econômica no primeiro trimestre, seguida de recuperação a partir do segundo trimestre – acompanhada da possibilidade de redução rápida das taxas de juros. Nesse cenário, o governo capitalizaria sobre a crise e Fernando Henrique seria visto como corajoso por ter reconduzido o País num momento difícil.

Afirmiação feita quinta-feira pelo presidente chancela essa aposta: “O povo sente quem está sintonizado com ele, mesmo quando toma medidas duras, quando são necessárias e não perdoa quando não se as toma”, disse ele, durante solenidade de sanção da lei que cria o Sistema de Financiamento Imobiliário, quando criticou deputados que votaram contra a reforma administrativa.

Perdas – Mesmo num quadro de normalização gradual da economia, e de nenhuma crise externa, há quem preveja algumas perdas políticas irreparáveis para Fernando Henrique em relação à situação de alta popularidade antes da crise financeira do fim de outubro. “Você vai estar com a economia mais desaquecida e com desemprego maior”, lembra o economista do Patrimônio-Salomon Brothers. “O cenário do segundo semestre de 1998 é melhor do que o dos primeiros seis meses, mas pior do que o ano de 1997”, avalia.

Se todas as reformas constitucionais passarem no Congresso e as pes-

quisas eleitorais do próximo ano indicarem favoritismo de Fernando Henrique, serão pérolas para o mercado, afirma o superintendente dos clientes estrangeiros da Corretora Graphtus, Alan Gandelman, lembrando que, em período eleitoral, “o Ibope fica tão importante quanto o Ibovespa”. Ele prevê uma calmaria nas bolsas brasileiras no início de 1998, consequência da cautela dos grandes investidores – que não devem entrar aplicando com o mesmo ânimo que entraram no final do ano passado.

Coragem – Alan Gandelman reforça a opinião dos colegas ao avaliar que o governo demonstrou austeridade ao lançar o pacote para cortar gastos e coragem na medida – que pode

rá chegar até a comprometer a reeleição de Fernando Henrique. “As medidas não são populares e num primeiro momento a população não gostou muito”, avalia. “Os investidores estrangeiros interpretaram isso bem, mas continuam bastante céticos.” Para ele, o investidor externo acredita no País, vê que o governo está com intenções sé-

rias, cumprindo o que está falando. “É consenso no mercado que a equipe econômica está mostrando”, afirma.

O presidente no Brasil do banco holandês ING, Carlos Craide, reforça que ao lançar o pacote econômico o governo quis mostrar austeridade em todos os níveis. Ele classifica de “surpreendente” a mobilização conseguida pelo governo na retomada da votação da reforma administrativa. “Sob todos os aspectos, o governo tem sido muito eficaz”, avalia.

Craide também isenta o governo das críticas de que muitas das medidas do pacote poderiam ter sido tomadas antes. “São medidas dolorosas, que você não toma se não forem necessárias”, argumenta.



PARA
ECONOMISTA,
GOVERNO TEM
SIDO EFICAZ